

FICHA TÉCNICA

Título original: *Sweet Salt Air*

Autora: *Barbara Delinsky*

Copyright © 2013 by Barbara Delinsky

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Tradução: *Catarina F. Almeida*

Revisão: *Florabela Barreto/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Composição: *Miguel Trindade*

Impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 411 475/16

1.ª edição, Lisboa, julho, 2016

Reservados todos os direitos para
a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

PRÓLOGO

Charlotte Evans estava habituada a uma vida rude. Como *freelancer*, viajava com pouco dinheiro, conseguindo histórias que outros não conseguiam, precisamente porque não era exigente com as condições em que vivia. Nos últimos doze meses, sobrevivera ao pó, enquanto escrevia a respeito dos criadores de elefantes no Quênia, ao gelo, enquanto escrevia sobre o urso-espírito da Colômbia Britânica, e às moscas, durante uma reportagem acerca de uma família de nômadas na Índia.

Era, portanto, muito capaz de sobreviver a uma «morrinha», como lhe chamavam os Irlandeses, ainda que a neblina densa atravessasse tudo — calças de ganga, botas e até a camisola de lã grossa, de pescador, que trazia vestida. A camisola fora-lhe emprestada pela mulher que a hospedara, nessa ilha de Aran, que, das três, era a menos povoada. Embora Charlotte tivesse uma lareira no seu quarto, a água quente era um bem escasso na pequena casa de pedra sobre pedra. Não teria sido desagradável poder tomar um duche escaldante, lavar todas as suas roupas e ter um dia de sol ininterrupto pela frente.

A sua missão era escrever acerca da geração mais nova de tricoteiras de Inis Meáin, mulheres que estavam a reinventar os motivos tradicionais de maneiras impressionantes e, atendendo ao padrão da sua própria camisola, já sabia identificar o ponto de arroz, a repetição de motivos, os torcidos para a direita e para a esquerda e o desenho das tranças. Estava na hora de partir. Tinha de regressar a casa para montar a história e apresentá-la à *Vogue Knitting*, antes de seguir para o

interior da Austrália, onde faria uma peça para a *National Geographic* a respeito do fabrico de joias aborígenes, esta última um furo. Porém, continuava ali.

Em parte, o que a retinha era a própria dona da casa, uma das mulheres mais calorosas e maternais que alguma vez conhecera; mas também era a arte do ofício que se respirava naquele lugar. Não tendo ela própria o hábito de tricotar, Charlotte era capaz de observar aquelas mulheres durante horas a fio. Estavam em paz com elas próprias e com o seu mundo, coisa que invejava, uma vez que não tinha quaisquer raízes. Tão próximas da sua idade que poderiam ter sido colegas de escola, tentavam ensiná-la a tricotar. Isso, só por si, justificava que adiasse a sua partida.

No fundo, porém, era Inis Meáin que a mantinha ali. Charlotte tornara-se uma amante de ilhas desde esse primeiro verão que passara numa delas. Tinha oito anos. Agora, com trinta e quatro, sentia ainda a sua aura — um isolamento que parecia tornar distantes todas as preocupações, uma separação do mundo real que convidava ao sonho.

Os seus olhos procuraram a linha do horizonte, ou a zona onde estaria o horizonte se a neblina não fosse tão densa. «Nevoeiro cerrado» era o que lhe chamavam nesse outro lugar e, tanto lá como aqui, dava-lhe brilho à pele e volume ao cabelo. Puxou para trás os caracóis castanho-escuros, os dedos perdendo-se no seu novelo húmido, e rodou o corpo apenas o suficiente na falésia escarpada para ficar virada de frente para uma latitude alguns graus mais a sul.

Ali, do outro lado do Atlântico, estava o Maine. Embora partilhassem o mesmo oceano, a ilha de Charlotte e esta eram mundos muito diferentes. Enquanto Inis Meáin era cinzenta e castanha, o seu solo frágil, criado pelo homem, sustendo apenas as mais coriáceas plantas rasteiras, a fértil Quinipeague inspirava pinhais altaneiros, já para não falar dos vegetais, das flores, das ervas inusitadas e irresistíveis. Levantando a cabeça, agora de olhos fechados, inspirou o húmido ar irlandês e esse fio de fumo de lenha que se fundia com o vento gelado vindo do mar. Quinipeague também cheirava a fumo de lenha, porque as manhãs podiam ser frias mesmo no verão. Ao meio-dia, porém, o fumo já teria desaparecido, dando lugar ao perfume da alfazema e da balsamina e ao aroma da

erva. Se os ventos soprassem do oeste, sentir-se-ia o odor a fritos da Chowder House; se soprassem do sul, o travo terroso dos bancos de bivalves; se viessem do nordeste, a pureza do doce ar salgado.

Sim, do outro lado do Atlântico ficava o Maine, meditou, abrindo os olhos e tentando atravessar aquela enorme distância através da cortina de nevoeiro. Corria o mês de abril e a lembrança ter-lhe-ia ocorrido onde quer que estivesse. Era um hábito antigo. A primavera era a altura em que Charlotte começava a planear o seu verão em Quinneapolis.

Ou fora, em tempos. Agora, já não o fazia. Destruíra essa ponte dez anos antes, cometendo um erro estúpido. E, embora por vezes o desejasse, não podia voltar. Sentia falta do espírito do verão em Quinneapolis, muito mais intenso por estar separado do resto do mundo. Sentia falta das sanduíches de lagosta¹ dos seus habitantes, que sabiam melhor do que em qualquer outro lugar. Acima de tudo, tinha saudades de Nicole, que já fora tão próxima como uma irmã. Nunca mais encontrara uma amiga como ela, embora só Deus soubesse o quanto a procurara.

Talvez fosse esse o motivo da sua estada em Inis Meáin. As mulheres ali sabiam ser amigas. Compreendiam a independência e a autosuficiência. Charlotte sentira uma empatia tão grande com algumas delas que prometera a si própria que iriam manter-se em contacto.

Será? Talvez.

O seu lado mais realista reconhecia, porém, que o mais provável era que isso não acontecesse. Apesar do muito que escrevia para ganhar a vida, era uma péssima correspondente. Dali a um ou dois dias, deixaria Inis Meáin e regressaria a Brooklyn e, daí, para onde? Para além da Austrália, já recebera luz verde para escrever reportagens na Toscânia e em Bordéus, residindo o apelo desta última na tentação de passar por Paris antes e depois. Tinha amigos na capital — um escritor, uma ceramista e uma aspirante a estilista cujas criações eram demasiado bizarras para irem ao encontro do gosto das massas, mas cujo calor pessoal era cativante.

Seria o mesmo que os dias que passara em Quinneapolis? Não. Mas esta era a vida que construía.

¹ No original, *lobster rolls*. (NT)

Nicole Carlyse vivia numa abençoada ignorância do passado. O presente já a preocupava o suficiente, embora ninguém o soubesse, o que constituía um problema. Ninguém sabia. Ninguém *podia* saber, o que significava que não havia um único escape, não havia qualquer apoio emocional, não havia um conselho, ainda que desesperadamente necessário. Julian era inflexível na sua exigência de silêncio e, como o amava, Nicole cedera. Era *ela* a sua tábua de salvação, dizia ele, e que mulher não gostava de ouvir isso?

A pressão, contudo, era terrível. Já teria enlouquecido se não fosse o blogue. Quer estivesse a escrever para dar a conhecer aos seus seguidores uma queijaria local, um novo restaurante da-quinta-para-a-mesa, ou o que se podia fazer com um fruto exótico, criado numa família há várias gerações, produzido organicamente e recém-chegado ao mercado, Nicole passava horas, todos os dias, a escrutinar Filadélfia e as cidades circundantes em busca de conteúdos. Quando se instalava a primavera, as ofertas locais aumentavam.

Cumprindo agora uma outra missão, sentou-se diante de um *iMac* no escritório de Julian. O escritório não tinha vista para o rio Schuylkill, ao contrário da maior parte das outras divisões no décimo oitavo andar do condomínio onde viviam. Aqui, não havia sequer janelas, apenas paredes forradas com estantes de mogno, preenchidas por livros de medicina que Julian herdara do pai, ou que colecionara antes de as publicações se terem tornado digitais. Algumas daquelas prateleiras pertenciam a Nicole, embora em menor quantidade. As suas continham os romances de que não conseguia separar-se e livros acerca da arte de bem receber, que eram tanto um manancial de recursos como uma fonte de inspiração.

Organizada como era, os papéis à esquerda do computador — notas, impressões de comentários dos fãs e pedidos de recomendação da parte de vendedores — encontravam-se impecavelmente arrumados. Atrás deles, ligada a um cabo USB, estava a sua máquina fotográfica e, numa taça de cerâmica à direita do computador, o tema recém-fotografado do seu próximo *post*: uma cabeça de couve-flor-roxa, ainda aninhada na concha de folhas verdes, percorrida de nervuras, onde se tinha desenvolvido.

Um sofá de pele, com poltrona e pousa-pés a condizer, enchia o escritório com o odor da antiguidade e do óleo de limão.

Não era esse, contudo, o aroma que lhe vinha ao pensamento enquanto lia o que já escrevera. «Vou muitas vezes aos mercados dos agricultores. Da-quinta-para-a-mesa é a minha paixão, mas nenhuma das ervas cultivadas nestas quintas se aproxima sequer da qualidade das ervas insulares. Foram elas que *criaram* a cozinha Quinnie — enfim, as ervas e a frescura dos seus ingredientes. Quinnipeague já estava a tornar-se orgânica e a cozinhar os produtos locais antes de da-quinta-para-a-mesa ser um movimento, mas, apesar de tudo, as ervas são o que nos ocorre primeiro. Não posso escrever acerca da cozinha das ilhas sem falar delas. E também não posso deixar de evocar os seus habitantes. É aqui que entras, Charlotte. Provaste o guisado de lagosta de Dorey Jewett e os bolinhos fritos de amêijoas de Mary Landry, e sempre adoraste a compota de fruta que a Bonnie Stroud trazia todos os anos para o jantar do quatro de julho. Estas pessoas ainda estão todas por aqui. Cada uma delas tem uma história para contar. Gostava de incluir algumas neste livro, mas escrevo melhor a respeito de comida do que de pessoas. Tu escreves sobre pessoas. E és tão boa no que fazes, Charlotte! Estou sempre à tua procura no Google. O teu nome aparece associado à nata da *nata* das revistas de viagens.»

Fez uma pausa, pensando nessas reportagens enquanto examinava o espelho dos seus olhos no brilho do ecrã. Nesse preciso instante, o receio tornara-os azul-esverdeados, da cor do mar, enquanto ponderava as probabilidades de a sua amiga aceitar a proposta. Charlotte era uma profissional de primeira linha, por certo habituada a assinar sozinha. Neste caso, teria de partilhar o protagonismo, e o adiantamento de Nicole não era muito atraente. Se o livro se vendesse bem, haveria mais dinheiro, mas, de momento, o máximo que podia oferecer-lhe era uma quantia simbólica, para além da estada e da alimentação numa das mais simpáticas casas da ilha — e das leituras, conversas e horas de lazer a duas, todas essas coisas que costumavam fazer juntas antes de a vida se atravessar no caminho.

Passou os seus pensamentos para o teclado, reformulando uma e outra vez. Por fim, cansada da sua própria revisão gramatical,

acrescentou uma nota de franqueza: «Preciso de ti, Charlotte. Um livro de cozinha Quinnie não será a mesma coisa sem o teu contributo. Sei que estás ocupada, mas o meu prazo de entrega é o dia quinze de agosto, pelo que não se trata de te pedir o verão inteiro, e ainda ganharás uma história ou duas, para ti, pelo caminho. Será merecedor do teu tempo. Prometo.»

Os seus olhos ergueram-se acima do ecrã e encontraram Julian na ombreira da porta. Nicole sentiu uma centelha visceral de calor. Era sempre assim quando ele a apanhava desprevenida — e fora assim desde o primeiro momento em que lhe pusera os olhos em cima, num Starbucks em Baltimore, doze anos antes. Nessa altura, recém-licenciada em Estudos do Ambiente na Universidade de Middlebury, estava a lançar-se na escrita de publicidade para uma organização agrícola governamental. Como planeava trabalhar na pausa a meio da tarde, pousara o seu mega-*frappuccino*-de-caramelo-com-espuma em cima da mesa, sem dar grande atenção ao que a rodeava, até abrir o portátil e reparar que havia um igual, aberto da mesma maneira e com o mesmo ângulo de inclinação, na mesa ao lado da sua. Tendo feito a mesma observação segundos antes, Julian já a aguardava com um sorriso divertido.

Era um cirurgião que viera de Filadélfia para um seminário no Johns Hopkins, e havia nele uma força serena. Nos últimos quatro anos, essa força fora duramente posta à prova e, no entanto, ao vê-lo na entrada do escritório, Nicole ainda sentia a mesma atração. Julian não era um homem alto, mas sempre tivera um porte imponente. E não o deixara de ter agora, ainda que para isso precisasse da ajuda de um desporto regular. No último ano ou dois, ganhara cabelos brancos, mas, no fim de um dia inteiro de trabalho no hospital, continuava a ser um homem de quarenta e seis anos atraente. Cansado, sempre cansado, nos dias que corriam, mas atraente.

Com um sorriso nos lábios, Julian aproximou-se.

— Estás a fazer a crítica de ontem à noite? — perguntou-lhe.

Tinham ido jantar com amigos a um novo restaurante e fora uma saída de trabalho para Nicole, que insistira que todos pedissem pratos diferentes, avaliando cada um deles enquanto tirava notas.

Quando ela abanou a cabeça para lhe dar uma resposta negativa, ele já estava à sua frente, meio sentado no tampo da secretária, junto do teclado.

— É o livro de receitas, então — adivinhou, fazendo um sorriso entendido. — Ficas sempre com esse olhar quando pensas em Quinnipeague.

— Um olhar tranquilo? — perguntou ela. — Estamos em abril. Daqui a dois meses, vamos para lá. Sempre vens comigo, não vens?

— Eu disse-te que ia.

— De boa vontade? É uma escapadela, Jules — antecipou-se, de súbito séria. — Até pode ser apenas uma semana, mas precisamos disto. — Evocou pensamentos mais leves. — Lembras-te da primeira vez que lá foste? Diz-me a verdade: estavas com medo.

Os olhos castanhos de Julian riram-se calorosamente.

— O que é que não metia medo? Uma ilha perdida no meio do Atlântico...

— Fica apenas a onze milhas de distância da costa.

— Vai dar ao mesmo. Não tendo um hospital, nunca poderia aparecer no meu radar.

— Pensaste que eram só estradas de terra batida e que não haveria nada para fazer.

Julian riu-se, um pouco contrafeito. Entre a apanha da lagosta, a apanha de bivalves, a vela, as noites de cinema na igreja e as manhãs no café, já para não falar dos jantares em casa, na cidade, ou na casa de amigos, Nicole mantivera-o ocupado.

— Adoraste — atreveu-se ela.

— É verdade — admitiu ele. — Foi perfeito. Um outro mundo. — Os seus olhos entristeceram-se. — Sim, miúda, precisamos disso. — Tomando o rosto da mulher nas suas mãos, Julian beijou-a, mas havia tristeza naquele beijo. Esperando conseguir afugentá-la por mais alguns segundos, sobretudo depois de ouvir esse «miúda» que nunca deixava de a excitar, Nicole preparava-se para o abraçar quando ele lhe pegou nas mãos, as encostou aos seus lábios e, com subtileza, deslizou para trás dela. Ladeando-a com os braços e encostando a cara ao seu cabelo, leu as palavras escritas no ecrã. — Ah... — disse, com um suspiro. — Charlotte.

— Sim. Quero mesmo envolvê-la no projeto.

Julian virou-se apenas o suficiente para a olhar nos olhos.

— Não precisas dela, Nicki. Consegues escrever o livro de receitas sozinha.

— Eu sei — replicou Nicole, como já o dissera mais do que uma vez. — Mas ela é uma jornalista de renome e também tem uma história em Quinnepegue. Se eu acrescentar os seus perfis de pessoas aos meus textos acerca de comida, o livro ficará muito melhor.

— A Charlotte já não põe os pés naquela ilha há dez anos — argumentou ele, nesse tom ponderado de quem falava com conhecimento de causa. Ah, mas Julian era um homem conhecedor, um pioneiro no seu campo, com uma tendência muito própria para sugerir erudição.

Nicole não se deixou ficar.

— E que melhor engodo haverá para a atrair de volta? Além disso, se te fores embora ao fim de uma semana e a minha mãe não aparecer, quero ter a Charlotte comigo.

Julian ficou em silêncio. Nicole antecipou o seu argumento antes mesmo de ele o verbalizar:

— A Charlotte não tem sido uma boa amiga. Chamava ao teu pai o seu segundo pai, mas nem sequer foi capaz de ir ao funeral.

— Ela estava no Nepal. Nunca conseguiria regressar a tempo. Mas telefonou. Estava tão triste como nós.

— Voltou a telefonar-te depois disso? — insistiu ele, embora ambos soubessem a resposta.

— Falamos por *e-mail*.

— Com frequência? Não. E és sempre tu quem puxa a conversa. Além disso, as respostas dela são curtas.

— Ela é uma mulher ocupada.

Julian tocou-lhe na face.

— Vocês já não se veem há dez anos. Levam vidas diferentes agora. Se a tua ideia é atraí-la de volta para recuperares o que existiu entre as duas no passado, talvez estejas a pôr-te a jeito para uma desilusão.

— Sinto a sua falta. — Quando a expressão de Julian se tornou mais reservada, ela insistiu. — Não, não é por causa disso. Eu prometi-te. Não vou contar-lhe. — O tom tornou-se suplicante.

— Mas é como se todas as estrelas estivessem alinhadas, Jules. Há o livro de cozinha, a tua partida para a Carolina do Norte nesse mês e o facto de a minha mãe não querer ir para Quinnepegue e precisar de alguém que embale a casa inteira... Como se eu quisesse fazê-lo! Isso, por si só, já seria difícil, mas ficar *sozinha* lá dentro enquanto estás fora? Este é o meu último verão naquela casa e a Charlotte é parte do que aquele lugar significa para mim.

Julian permaneceu em silêncio.

— Nem sequer sabes onde é que ela está.

— Ninguém sabe. A Charlotte está sempre de partida. É por isso que lhe envio *e-mails*. Acabará por recebê-los. E, sim, ela responde-me sempre.

Julian estava certo, porém, quanto à brevidade das respostas. Charlotte já não partilhava grande coisa da sua vida. No entanto, desde o primeiro momento em que aquele projeto fora mencionado, Nicole vira-a a participar nele. Sim, Charlotte conhecia Quinnepegue, mas também a conhecia a ela, e Nicole precisava de a ver. Ela e Julian atravessavam tempos difíceis e momentos ternos como aquele — outrora frequentes — eram cada vez mais raros. Um mês na Universidade de Duke a treinar estudantes de Medicina numa técnica que lhe granjeara fama e reputação seria, para ele, uma distração muito desejada. E para ela? Charlotte distraí-la-ia. As memórias eram boas; ela e Nicole sempre estiveram em sintonia. Se aquele verão encerrava alguma promessa de alegria, a sua melhor hipótese era Charlotte.

Julian entalou-lhe uma mecha comprida de cabelo atrás da orelha. A sua expressão era penosa, e Nicole teria tentado tocar-lhe de novo, se ele não lhe tivesse segurado na cabeça.

— Só não quero que te magoes — disse, dando-lhe um beijo na testa. Depois, afastou-a. — Achas que ela vai aceitar?

Nicole sorriu, confiante, pelo menos, neste aspeto.

— Não tenho a mais pequena dúvida. Não me interessa quantos anos já passaram. A Charlotte adora Quinnepegue. A tentação será demasiado grande para que consiga resistir.

CAPÍTULO UM

Quinnipeague situava-se a onze milhas de distância do continente. Com uma população residente anual que rondava os trezentos habitantes, era servida por um barco-correio que trazia provisões e um punhado de passageiros, embora não transportasse automóveis. Dado que tinha um carro pela primeira vez na vida, Charlotte reservou com orgulho o seu lugar no *ferry*, embarcando em Rockland numa terça-feira, que era um dos três dias da semana em que o comandante se aventurava a ir para lá de Vinalhaven, até às ilhas, como Quinnipeague. Nicole oferecera-se para lhe pagar o bilhete de avião, de modo a encurtar a viagem, mas Charlotte passava a vida a voar. Nesse verão, seria diferente.

O carro era um velho jipe *Wrangler*, comprado a um amigo de um amigo por uma pequena fração do seu preço original. Numa vertigem de entusiasmo, abriu a capota macia toda para trás e, sentindo o ar cálido de junho a circular livremente pelas janelas e por cima da sua cabeça, partiu de Nova Iorque sozinha. Saudou o tempo que a viagem demoraria. Depois de dois meses frenéticos de trabalho para conseguir libertar-se, o seu único desejo era abrandar, descomprimir e, quem sabe, descobrir por que razão concordara em passar um último verão em Quinnipeague. Jurara que não voltaria, que renunciaria às memórias dolorosas.

Contudo, também havia boas recordações, e todas lhe tinham acudido ao pensamento quando lera o *e-mail* de Nicole, na Irlanda,

naquele dia. Respondera de imediato, prometendo telefonar-lhe assim que chegasse a Nova Iorque. Fizera-o. Literalmente. Ali mesmo, no tapete da recolha de bagagens, enquanto esperava que a sua mochila aparecesse.

Claro que iria, dissera a Nicole, só depois fazendo o raciocínio. Para começar, havia Bob. Ela não fora ao seu funeral porque não tivera coragem de enfrentar o seu cadáver depois de o ter abandonado — depois de os ter abandonado a *todos* — de forma tão lamentável. Portanto, estava em dívida para com Nicole pelo funeral, e estava em dívida pela traição.

O sentido do dever não era, porém, a única razão por que aceitara aquele convite. O alívio era outra; fora a própria Nicole quem sugerira aquela colaboração. E a nostalgia: Charlotte sentia falta daqueles verões despreocupados. Por fim, a solidão. Passava a vida rodeada de pessoas, mas nenhuma era família como Nicole um dia o fora.

Depois, havia o livro. Charlotte nunca trabalhara num livro, nunca colaborara, na verdade, com nenhum projeto, ainda que lhe parecesse uma brincadeira de crianças, uma vez que seria outra pessoa a tomar as rédeas da situação. Quando pensou naqueles que ia entrevistar, Cecily Cole foi a primeira que lhe veio à ideia. Não era de personagens irresistíveis que se tratava? Em muitos aspetos, Cecily *era* a cozinha da ilha, uma vez que, nas suas ervas, residia o segredo que a tornava tão especial. Ela tinha de ser a história central do livro. Falar com Cecily seria divertido.

Charlotte bem precisava de um pouco de diversão, de um pouco de descanso, de um pouco de faz de conta — e Quinnipeague era o lugar indicado para isso. Nesse preciso momento, enquanto o *ferry* entrava e saía do nevoeiro, a realidade ia e vinha. «Não se pode voltar para casa», escrevera Thomas Wolfe, e ela rezava para que ele estivesse enganado. Estava à espera de algum desconforto; dez anos e muitas vidas diferentes mais tarde, ela e Nicole não podiam simplesmente reatar relações no ponto em que as tinham deixado. Além disso, se Nicole já soubesse da sua traição, não havia como prever o que podia acontecer.

Por outro lado, se Nicole soubesse, nunca lhe teria pedido para vir. Nicole Carlisle não tinha um pingão de desonestidade no corpo.

Debruçando-se na amurada, Charlotte susteve a respiração. Ali estava *ela*...

Não, era apenas uma miragem oceânica depressa engolida pelo nevoeiro.

Passando por vários bancos vazios, agarrou-se com firmeza ao corrimão da frente.

As suas expectativas tinham crescido desde que partira de Nova Iorque, acelerando por arranques depois de New Haven e, a seguir, Boston. Quando passara Portland, a impaciência fizera-a lamentar a decisão de ir a conduzir, mas isso mudou assim que saiu da autoestrada, em Brunswick, e começou a subir a costa. Bath, Wiscasset, Damariscotta — adorava os nomes, assim como a esporádica vista de barcos, casas à beira-mar, bancas de beira de estrada. BIVALVES COM BARRIGA, lia-se num dos cartazes, mas ela resistiu. As amêijoas servidas em Quinnepeague eram desenterradas dos baixios horas antes de serem cozinhadas, e a polme, de uma leveza requintada, continha salsa e tomilho. As outras amêijoas fritas não se comparavam.

O *ferry* subiu uma vaga, mas continuou, firme, a sulcar as águas. Embora o ar estivesse fresco e o vento, trazendo o salpico das ondas, cortante, não conseguia convencer-se a ir para o interior. Vestira uma camisola sobre as calças de ganga quando o *ferry* partira de Rockland e, embora o tivesse amarrado atrás, pequenos fios de cabelo esvoaçavam ao sabor do vento. Nesse momento, fustigavam-lhe a nuca, enquanto os seus olhos se mantinham fixos no mar. Havia quem dissesse que as águas do Atlântico Norte eram frias e intimidantes, mas Charlotte já vira outras. Turquesa, esmeralda, verde-garrafa — nenhuma a comoviam como aquele mar cinzento-azulado. Dezassete verões passados na ilha tinham-no tornado uma memória visceral.

A máquina fotográfica. Queria guardar aquela imagem.

Ou não. Talvez preferisse que nada se atravessasse entre os seus olhos e aquele primeiro avistamento.

Tendo-o imaginado dezenas de vezes nas semanas anteriores, achou que estava preparada, mas o assombro que sentiu quando, por fim, a ilha emergiu da neblina superou todas as suas expectativas. Um a um, à medida que o nevoeiro se dissipava, os traços da paisagem de que se recordava ganharam uma forma mais definida: formações

rochosas irregulares, uma coroa de árvores, a Chowder House, erguida sobre granito e flanqueada por duas estradas gêmeas que desciam uma curva ampla, criando uma descida suave da cidade até ao cais, como duas escadarias simétricas numa casa elegante.

Posto isto, não havia nada de sofisticado a respeito de Quinnepeague, com os seus caminhos sulcados de terra batida e os seus embarcadouros envelhecidos. Porém, Quinnepeague também não pretendia ser sofisticada, mas autêntica. As portadas eram coisas práticas que deviam fechar-se contra a força das tempestades e, quando abertas, pendiam tortas mais vezes do que o contrário. A madeira era cinzenta, os conjuntos de boias arrumados ao lado do casebre de pesca tinham cores vivas, mas desbotadas, e as gaiivotas que mergulhavam a pique para pousar na estacaria alta deixavam sempre a sua marca cretaica.

Os barcos à vela distinguíam-se dos barcos a motor à medida que o *ferry* se ia aproximando. Havia menos barcos de lagostas do que Charlotte se recordava, menos homens na apanha desse marisco do que lera, embora aqueles que sobravam devessem estar no mar, nessa terça-feira, a recolher as armadilhas. Daí que só se vissem botes a remos amarrados às docas.

A sua pulsação disparou quando avistou alguém a correr pelo cais e, nesse instante, o lado negro do passado foi como que por encanto soprado para longe, para o mar. Acenou com energia.

— *Nicki! Estou aqui, aqui, Nicki!*

Como se houvesse mais pessoas no *ferry*. Como se Nicole pudesse não a ter visto. Como se a outra mulher conseguisse ouvi-la no meio do mialhar do barco e da explosão das ondas contra a estacaria. Mas era mais forte do que ela. Charlotte voltara a ser uma criança, a criança que viajara sozinha a partir da Virgínia, com o coração na boca, e que sentira um imenso alívio por ter, enfim, chegado ao sítio certo. Voltara a ser a adolescente, a experiente passageira que agora voava do Texas, eletrificada pela visão da sua melhor amiga. Voltara a ser a aluna universitária que apanhara o autocarro em New Haven para passar o verão com uma família que queria ouvir falar dos seus cursos, dos seus amigos, dos seus sonhos.

Porque em todos os lugares onde estivera nos últimos dez anos, desde o verão daquele casamento, nunca ninguém viera esperá-la.

Nesse momento, ao ver Nicole a balbuciar de entusiasmo no cais, o alívio que sentiu foi tão grande que lhe perdoou a timidez, a docilidade, a pura amabilidade que a tornara um alvo tão fácil de traição — traços a que Charlotte se agarrara ao longo dos anos para perdoar a si própria o modo como se comportara.

Mas era um novo dia. O nevoeiro que pairava sobre elas não conseguia tirar o brilho aos vermelhos e azuis dos barcos. Nem o odor a maresia conseguia suplantar o dos grelhados da Chowder House. Balançando-se em bicos de pés, tapou a boca com as mãos, para se controlar, enquanto o *ferry*, com uma precisão agonizante e um estertor de engrenagens, abrandava e começava a virar. Charlotte pôs-se do outro lado para conservar o cais centrado à sua frente.

Nicole era linda. Isso não mudara. Sempre pequena e delicada, estava simplesmente luminosa ali de pé no meio do cais. Sempre vestida com estilo, ainda lhe parecia mais elegante agora, com as suas calças de ganga justas e o seu casaco de cabedal. O vento fustigou-lhe o lenço, que, muito provavelmente, teria custado mais do que todo o guarda-roupa estival de Charlotte — que era *vintage L. L. Bean*, com ênfase no *vintage*, uma vez que já a acompanhava há anos, de viagem em viagem. «Estilo» era uma palavra que nunca fizera parte do seu vocabulário. A peça que mais aspirações encerrava talvez fosse o seu par de sabrinas, comprado três anos antes num mercado de rua em Paris.

Aos soluços, o *ferry* encaixou a sua popa arrebitada no fundo da doca. Assim que o comandante soltou as correntes e baixou o passadiço, Charlotte saiu do barco a correr. Lançando os braços à volta de Nicole, gritou:

— És uma visão! Estás deslumbrante!

— E *tu!* — gritou Nicole de volta, abraçando-a com firmeza. O seu corpo tremia. Estava a chorar.

Charlotte também podia ter chorado, o nó que sentia na garganta era bem apertado. Dez anos e vidas tão diferentes, mas Nicole estava tão emocionada como ela. Agarrando-se a tudo o que houvera de bom nos verões que passaram juntas, Charlotte limitou-se a balançá-la por mais alguns segundos, até a amiga se rir por entre as lágrimas e afastar-se. Passando os dedos por baixo dos olhos, Nicole escrutinou-lhe o rosto.

— Não mudaste nada — declarou, naquela voz de que Charlotte se lembrava tão bem: aguda, não propriamente infantil, mas quase. — E continuo a amar o teu cabelo.

— É a mesma juba de sempre, mas eu adoro o teu. *Cortaste-o.*

— Foi só no mês passado. Finalmente. Até posso ter a mesma voz que tinha quando era uma menina de dez anos, mas gostava pelo menos de *parecer* uma adulta. — Louro e liso, o seu cabelo dera-lhe sempre pelo meio das costas. Cortado à tigela, emoldurava-lhe o rosto na perfeição, realçando-lhe o verde dos olhos, agora brilhantes com um resto de lágrimas e, de súbito, preocupados.

— A viagem correu bem?

— Foi boa...

— Mas comprida, e não estás habituada a conduzir...

— Foi por isso mesmo que quis fazê-la, e foi bom, a sério que foi... E, para que fique registado, Nicki, sempre foste um espanto, mas esse corte tem muito, muito estilo.

Por comparação, Charlotte ter-se-ia sentido pouco sofisticada se não soubesse que as mulheres pagavam bem caro para terem um cabelo como o dela. Quanto à sua voz, que não era aguda nem singular, levava-a onde ela precisava de estar.

Nicole contemplava agora as suas sabrinhas.

— *Adoro.* Paris?

Charlotte sorriu.

— Claro.

— E a camisola? Não é de Paris, mas é fabulosa. Tão *autêntica.* — A voz de Nicole ganhou uma nova urgência. — Onde é que a arranjaste? Preciso de uma.

— Desculpa, querida. Foi uma peça de roupa herdada que me ofereceu uma mulher na Irlanda.

— É *tão* perfeita para este lugar. Tem sido um mês de junho sombrio e enevoado. Devia ter-te avisado, mas fiquei com medo de que não viesses.

— Já sobrevivi ao sombrio e enevoado antes. — Olhou para o cimo da encosta. — A ilha está na mesma. — Para lá da Chowder House, havia o mercado local, à esquerda, e o posto dos correios,

à direita, ambos edifícios compridos e baixos, para não desafiar o vento. — Como se nada tivesse mudado.

— E pouco mudou. Mas, agora, já temos Internet em casa. Mandei-a instalar na semana passada.

— Só para nós as duas? — perguntou Charlotte, procurando certificar-se. Nicole dissera-lhe que Julian lhe faria companhia na semana antes, mas que planeava partir antes de Charlotte chegar. Se ele tivesse decidido ficar, isso mudaria por completo o conteúdo da sua visita, pondo em primeiro plano a fragilidade da sua relação com Nicole.

Mas esta respondeu-lhe com toda a confiança e serenidade do mundo.

— Ei, nós merecemos. Além disso, se eu não continuar a fazer *posts* no meu blogue, as pessoas perdem o interesse e seguem outros rumos, e já não terei a mesma audiência quando começar a vender o nosso livro. A respeito do qual me sinto cem por cento mais segura, agora que concordaste em ajudar-me. Obrigada, Charlotte — acrescentou, com sinceridade. — Sei que tens coisas mais importantes para fazer.

Charlotte podia ter insistido que este era um dos projetos mais importantes que fizera nos últimos tempos, se um grito rouco não lhe tivesse interrompido o pensamento.

— Senhooraaa! — O comandante do *ferry* apontou para o jipe dela com um polegar. — Vai tirá-lo ou não?

— Oh. — Charlotte riu-se. — Desculpe.

Libertando Nicole, correu de volta para o *ferry* e enfiou-se atrás do volante. Quando ligou o motor, Nicole já estava ao seu lado, a passar a mão pelo envelhecido painel de instrumentos.

— Vou pagar-te por isto.

Charlotte lançou-lhe um olhar alarmado e chegou-se mais à frente.

— Por este carro? Nem penses.

— Não o terias comprado se não fosse o meu livro, e não aceitas receber dinheiro por isso.

— Porque é o *teu* livro. Só vou apanhar a boleia. — Riu-se das suas palavras. — Acreditas que este é o meu primeiro carro? — Levou-o para o cais. — Não é perfeito?

— *Totalmente* perfeito — concordou Nicole, ainda que, por momentos, parecesse circunspecta. — Menos na autoestrada?

— Ele trouxe-me até aqui. — Charlotte acenou para o comandante. — Obrigada!

Ainda a arrastar-se, conduziu com cuidado para fora do pontão. Quando já estava em solo firme, parou, virou-se para o lado e dirigiu-se ao primeiro fantasma.

— Lamento muito a morte do teu pai, Nicki. Queria ter estado presente. Não pude mesmo.

Parecendo de súbito mais velha, Nicole esboçou um sorriso triste.

— Talvez tenha sido melhor assim. Havia gente por todo o lado. Não tive tempo para pensar.

— Foi um ataque de coração?

— Fulminante.

— Ele já tinha problemas cardíacos?

— Nenhum.

— É assustador. Como vai a Angie?

Angie era a mãe de Nicole. Charlotte também lhe telefonara, mas, embora Angie lhe tivesse dito todas as palavras certas — *Sim, uma tragédia, ele também te adorava, és uma querida por teres ligado* —, parecera-lhe distraída.

— Vai mal — confirmou Nicole. — Eles estavam tão apaixonados. O meu pai adorava Quinnepegue. Os seus pais compraram a casa quando ele era pequeno. Foi ali, de resto, que pediu a minha mãe em casamento. Eles sempre me disseram que, se eu tivesse sido um rapaz, me teriam dado o nome de Quinn. Agora, ela já não suporta vir. É por isso que decidi vendê-la. Nem sequer é capaz de vir embalar as coisas. Este lugar é muito ele.

— Olá, olá! — gritou alguém, aliviando de imediato a atmosfera. — Vejam só quem está aqui! — Uma mulher robusta, cujo avental cobria a *T-shirt* e os calções, descia aos saltinhos os degraus do piso mais baixo da Chowder House. Dorey Jewett assumira o controlo do negócio do pai a meio dos verões que Charlotte passara na ilha e transformara o estabelecimento num restaurante comparável aos melhores da cidade. Tinha a pele lustrosa de quem trabalhava sobre o vapor, mas as linhas que lhe rodeavam os olhos, tanto de sorrir como de os semicerrar para escrutinar o porto, sugeriam

que devia estar a aproximar-se dos sessenta. — A nossa menina disse-nos que vinhas a caminho. Vejam só como estás crescidinha.

Sendo uma mulher do Maine desde o dia em que nascera, Dorey assumia o seu papel. Adorando-a por isso, Charlotte riu-se.

— Eu tinha vinte e quatro quando aqui estive da última vez. Já não era uma criança nessa altura.

— Mas *olba* para ti. Que camisola! — A simples exuberância da outra mulher fê-la rir outra vez. — E esta menina? Bem, tenho-a visto ao longo dos últimos anos, mas deixem-me que vos diga, vocês as duas envergonham o resto de nós. — Arqueou as sobran-celhas. — Têm fome? O *chowder*² está quente.

*Chowdab*³, pensou Charlotte, com alegria. Já a tarde ia no fim e a fome apertava. Mas Nicole adorava cozinhar, e era ela quem ditava as regras.

Debruçando-se sobre as mudanças, Nicole respondeu:

— Para levar, por favor, com pão de milho e cabeças-de-violino⁴.

— Vais levar as últimas — confessou-lhe Dorey. — Tive aqui um vendedor a tentar convencer-me a fazer uns *wraps* de camarão e a congelá-los, mas não é a mesma coisa. Só os tenho neste momento porque vieram lá de cima, do norte — *nauth*⁵ — e a colheita foi tardia este ano. Já teriam desaparecido há uma semana se o negócio não estivesse tão parado, mas o preço da gasolina subiu muito e, com um vento destes, ninguém se faz ao mar. Julgam que se consegue enfrentar este frio? — perguntou, parecendo contudo imune a este, com os braços e as pernas desnudos.

Charlotte, porém, continuava concentrada na sua fome.

— Talvez um punhado de amêijoas também?

— É para já. Ponham o carro lá em cima. Eu levo tudo.

² Creme espesso de peixe ou marisco com legumes, muitas vezes servido com leite ou natas. Na Nova Inglaterra, também é feito com amêijoas (*clam chowder*). (NT)

³ Sotaque do Maine. (NT)

⁴ Frondes comestíveis da samambaia. (NT)

⁵ Ver nota 3. (NT)

CAPÍTULO DOIS

A ilha era comprida e estreita, ondulando na superfície do mar como uma serpente afável e delicada. A sua cabeça larga, virada para o continente, erguia-se para sustentar o centro da vila. Outrora uma aldeia piscatória, as ruas apertadas continuavam a ser morada de um punhado de pescadores de lagostas e de apanhadores de bivalves, ainda que a maior parte das propriedades da ilha pertencesse agora aos locais que forneciam serviços aos novos residentes. Estes, cujas casas se espalhavam ao longo da encosta que era o pescoço, incluíam artistas, homens de negócios e programadores informáticos, todos eles atraídos pela tranquilidade de Quinnipegue.

No fim do pescoço, estendia-se o corpo da ilha, cujo acesso se fazia por uma única estrada sinuosa que serpenteava pelos baixios de lama, as enseadas abrigadas e as formações de rocha. Os caminhos de terra batida que conduziam às casas de verão eram assinalados por caixas de correio que, chegado o mês de julho, ficavam quase escondidas no meio das rosas silvestres e dos gerânios.

A casa de Nicole era a penúltima da ilha, a uma boa dezena de quilómetros de distância do cais e apenas a dois da ponta da cauda. Embora menos exuberante do que algumas das casas mais recentes que foram construídas desde a última vez que Charlotte ali estivera, era uma imponente mansão branca, de dois andares, com um mirante, portadas pretas, alpendres largos e braços que mal tocavam no chão de ambos os lados. Estes braços continham

quartos de hóspedes que já haviam acomodado, em ocasiões como a do casamento de Nicole, vinte pessoas.

A casa principal era para a família. Aqui, os quartos ficavam no segundo andar, potenciando a vista, enquanto o primeiro piso, originalmente segmentado por paredes e passagens, fora reconfigurado em duas grandes divisões, uma onde se comia, outra onde se estava. E ambas abriam para um grande pátio no limite do qual se estendia o mar.

Enquanto a vida na cozinha acontecia à volta de uma mesa de carvalho rústica, assente em vários suportes, a sala grande fora mobilada para que se tirasse partido da grande lareira, que era de pedra da região e ia do chão até ao teto. Foi aqui que Charlotte e Nicole se instalaram a comer, sentadas no chão, lado a lado, diante de uma enorme mesa de centro quadrada. Nicole insistira em pôr na mesa individuais bonitos e em arranjar a comida nos pratos com a mesma preocupação, fotografando tudo antes de começarem. A máquina fora, entretanto, posta de lado e os guardanapos desdobrados.

Estes iam buscar as cores dos sofás, das almofadas decorativas e dos tapetes — uma vibrante paleta de azuis e verdes, que se tornava mais exuberante em contraste com o nevoeiro lá fora. As achas na lareira tinham pegado; enquanto o seu calor enchia a sala devagar, o aroma do *chowder* cumprira mais depressa essa missão. Nicole já se livrara do casaco e o lenço caía-lhe agora solto sobre a camisa de seda. Da mesma forma, Charlotte lançara a sua camisola para o lado.

Pouco conversaram, dado que Charlotte mal conseguia articular outros sons para além dos gemidos de satisfação que o prato lhe arrancava. A certa altura, depois de engolir a mais sumarenta bari-ga de amêijoa que já provara na vida, deixou escapar uma risada.

— Como é que uma coisa pode saber tão bem?

Tendo dispensado a colher, a sua elegante amiga já bebia o que restava do seu creme de amêijoas diretamente da tigela. Terminando, pousou-a e limpou a boca.

— A Dorey diz que o segredo para fazer um bom *chowder* é deixar que os ingredientes apurem na panela durante um dia inteiro,

antes de servir o prato, o que é contraintuitivo, porque as amêijoas fritas são melhores quando acabadas de apanhar. Pessoalmente, creio que é o cebolinho. — Pensativa, estudou a sua tigela vazia. — Ou o *bacon*. Ou a salsa. — Levantou os olhos. — Talvez seja apenas a manteiga. Como o da Dorey é feito segundo o preceito do Maine, com mais leite do que natas, a manteiga brilha.

Charlotte seguiu uma abordagem mais simples.

— Talvez seja apenas o facto de já não comermos o *chowder* da Dorey há muito tempo — observou, mas Nicole apressou-se a abanar a cabeça.

— Comi este prato há duas noites. Como-o durante todo o verão, e é tão bom em agosto como em junho.

— Ainda costumava vir passar aqui o verão? — perguntou-lhe Charlotte, surpreendida.

Recebera sempre um *e-mail* ou dois de Quinnipeague — breves saudações enviadas em tempo de férias ou apenas um «estou a pensar em ti», mas partira do princípio de que, depois do casamento, as visitas de Nicole à ilha se tinham tornado mais curtas. Julian nunca poderia ausentar-se do hospital por três meses.

— Na verdade, passo. Comecei a vir com as crianças. — Havia duas do primeiro casamento dele. — Porque, no fim de contas, o que ficavam dois pré-adolescentes a fazer em Filadélfia? E este lugar era perfeito para eles. O hábito tornou-se uma rotina. Quando eles cresceram e arranjaram trabalho na cidade, continuei a vir. O Julian vem aos fins de semana e, por vezes, fica uma semana. O mesmo se passa com a Kaylin e o John. Os meus pais gostam da companhia. — Estremeceu. — Gostavam. — Olhando em redor, disse, com tristeza: — Vai ser difícil não ter isto.

Charlotte apertou-lhe o braço. Sabia que a casa era apenas uma parte do problema. O resto era Bob. Em todos os espaços disponíveis, havia fotografias tiradas na ilha e ele aparecia em muitas delas, retratado em várias fases da sua vida. Era mais uma celebração do que um altar, embora ela soubesse que Nicole ainda estava de luto.

Ficaram uns instantes em silêncio, comendo agora mais devagar. Depois de terminar o seu *chowder* e as amêijoas, Charlotte deu conta do resto das cabeças-de-violino. Verões houvera em que chegara

demasiado tarde para as apanhar antes de desabrocharem em fetos, mas, desde a primeira vez que as provara, nunca mais se esquecera do seu sabor.

Limpendo os dedos no guardanapo verde-musgo, fechou o seu copo de vinho na concha da mão e encostou-se à saia do sofá.

— Sinto a presença do teu pai aqui. Era um homem maravilhoso. Não tenho a certeza de que, se ele não me tivesse motivado, eu teria ido para a universidade. Não creio que teria tido uma carreira sequer. Eu não fazia a mais pequena ideia do que significava a expressão «ética de trabalho».

Bob Lilly era advogado e, embora nunca tivesse abdicado do seu verão em Quinnipeague, levantava-se de madrugada todos os dias para analisar a correspondência que chegara no barco do correio, no dia anterior. Nos últimos anos em que Charlotte visitara a ilha, havia um *fax*, um computador e *e-mail*, e nunca faltava o telefone. Bob insistia sempre em satisfazer primeiro os seus clientes, antes de sair para fazer vela. Charlotte lembrava-se dos dias em que tinham esperado que ele acabasse. Sempre que isso acontecia, quando, por fim, se juntava a elas, Bob partilhava os traços gerais do caso em curso, para que compreendessem a sua urgência.

— Ele deu-me um modelo a seguir que eu nunca vira em lado algum.

De súbito, Nicole pôs-se de joelhos, passando o braço por cima da mesa para endireitar uma vela grossa, sustida num ainda mais grosso candelabro de vidro. Quando terminou, voltou a instalar-se no tapete.

— Os teus pais morreram muito cedo.

Charlotte soltara o cabelo assim que tinham chegado a casa; agora, reunindo a sua massa numa só mão, puxou-o para longe da cara, precisando de clareza para reviver o caos que era a memória dos seus pais. As suas vidas foram uma ininterrupta orgia de excessos e de egocentrismo. Ela era caloiria em Yale quando ambos morreram num acidente de carro que terminara em explosão, ao qual poderiam ter sobrevivido se um deles estivesse menos pedrado.

Bebeu um gole de vinho, refletindo por momentos no que poderia ter sido a sua vida se eles tivessem vivido mais tempo. A reflexão encerrava pouco otimismo, e ela era uma realista.

— Eles nunca foram modelos, Nicki. Por vezes, tento romancé-los, sabes, por terem desaparecido e isso, mas não consigo esquecer-me da trapalhada que foram as suas vidas. Casaram-se três vezes, incluindo duas um com o outro, e, pelo meio, houve traições, divórcios, falências. Eram muito capazes de desempenhar o seu papel, como o de inquilinos respeitáveis da casa ao lado da vossa, em Baltimore, mas era tudo fachada. Pensei nisso hoje, enquanto conduzia até aqui. Quando os meus pais conheceram os teus, tinham acabado de ser expulsos do seu apartamento na Virgínia, facto que, naturalmente, a agente imobiliária desconhecia, porque, naquela altura, não havia uma maneira rápida de verificar essas coisas e ela tinha uma casa sofisticada que precisava de um inquilino a curto termo. E *voilà*, entram os meus pais. Os teus viram-nos à transparência, mas decidiram ir na charada. Porque será?

— Por tua causa.

— Estou a falar a sério.

— Também eu. Eles adoravam ver-nos juntas. Adoravam que os olhasses com admiração. Viram o teu potencial. Além disso, os teus pais faziam churrascos fantásticos. Eu lembro-me daquelas costeletas.

— É provável que tenham sido roubadas da secção *gourmet* do supermercado — replicou Charlotte, entredentes. O elogio fazia-a sentir-se desconfortável. Era como se apontasse um projetor para a culpa que tanto se esforçava por suprimir.

— Estás a ser demasiado severa.

Libertando o cabelo, Charlotte deixou cair o turbilhão emocional que era a vida dos seus pais.

— Talvez. A verdade é que, mesmo que tenham roubado as costeletas, foi assim que te conheci, pelo que nem tudo foi horrível.

Entre Charlotte e Nicole, a empatia fora imediata, e elas tornaram-se inseparáveis nesse ano em que haviam sido vizinhas. Depois de Charlotte mudar de casa, houvera noites fora, embora sempre em casa de Nicole, e naturalmente os verões em Quinnepeague.

— Os meus pais não teriam sabido como me entreter. Nesse aspeto, os teus foram a sorte grande.

— Mas ambos os lados tiraram partido. Os meus pais arranjaram-me uma irmã numa altura em que a minha mãe continuava a

abortar. Penso que o facto de estares aqui a ajudou a aceitar a ideia de que eu iria sobreviver sem irmãos. Além disso, confiavam mais em ti do que em algumas raparigas da ilha. — Arregalando os olhos, cobriu a boca com a mão, para conter um sorriso que escapou na mesma. — Lembras-te da Crystal? E da *Brandy*?

Charlotte riu-se.

— A estranha Brandy. Até hoje, nunca vi ninguém com tantos *piercings*. O que é feito dela?

— É cabeleireira, no continente. A Crystal ainda vive cá. Casou-se com o Aaron Deegan, que apanha lagostas com o pai. Têm cinco filhos.

— Cinco? Uau. E a Beth Malcolm? Ela era inteligente. Eu estava sempre com receio de que vocês se tornassem amigas e que já não precisasses de me ter aqui.

— Estás a brincar? Eu era demasiado tímida para me dar com ela. Antes de apareceres, não me misturava com os locais. Eras mais afoita do que eu. Foste tu que me obrigaste a sair de casa. Os meus pais adoraram isso.

— A Beth também lia — recordou Charlotte e, depois, lembrou-se: — O que estás a ler neste momento?

— *Sal*. É sobre...

— O Maine! — interrompeu, deliciada. — Eu também! Estava em saldos no JFK quando cheguei da Austrália e, assim que vi a ilha na capa, como poderia não comprar?

— Não é a nossa ilha...

— Não, mas consegues senti-la, cheirá-la, quase saboreá-la. Estás a gostar do livro?

Nicole sorriu.

— Estou a adorar. A adorar o cenário, as personagens, a magia.

Charlotte concordou com todos os pontos, o que, por um lado, não era surpreendente. Ela e Nicole sempre gostaram dos mesmos livros. Costumavam passar horas na praia, a trocá-los entre si, enquanto a espuma do mar rebentava na areia.

Por outro lado, já tinham passado dez anos. Enquanto Charlotte andara a construir casas na San Salvador pós-terramoto, ou na La Plata pós-tornado, Nicole decorara uma mansão luxuosa em

Filadélfia. Enquanto Charlotte ia para vilas remotas escrever acerca de médicos, agricultores e artistas, Nicole estivera em Center City a alimentar o seu blogue com *posts* sobre comida. Verdade, *Sal* aparecera em todas as listas de *bestsellers*. Mas que ambas estivessem a lê-lo nesse preciso momento era uma prova de tudo o que as unia.

— Primeiro, pensei que o autor era uma mulher — observou Nicole. — Chris Mauldin podia dar tanto para um lado como para o outro. Não há fotografia e a biografia é vaga.

Charlotte também se questionara. As cenas de sexo eram poderosas, mas cuidadosamente ternas. Não conhecia homens que fizessem amor daquela maneira, o que talvez estivesse na origem do grande êxito que o livro tivera. Chris Mauldin servia a matéria de que eram feitos os sonhos a uma comunidade de leitores que ansiava por ela. Pelo menos, Charlotte ansiava. Não tinha a certeza se o mesmo se passaria com Nicole e não iria, por certo, perguntar.

— Bem, se ele estava a tentar esconder o facto de ser um homem, já desistiu. Procurei o nome no Google e apareceu-me logo um «ele». Alguém conhece a sua verdadeira identidade?

— Nos fóruns, não. Tenho a certeza de que isso é uma parte do fenómeno. Pensa só nisto: foi ele quem publicou o seu próprio livro...

— Só em formato digital — ressaltou Charlotte, chupando migalhas de broa de milho do seu dedo. — O meu exemplar de capa dura tem um logótipo imponente.

— Certo, mas *Sal* foi um *bestseller* digital durante semanas e semanas antes de ele vender os direitos à editora. Já viste o génio de *marketing* que ele é? Saber manipular a Internet e fazê-lo, em total anonimato, de um ponto incerto do planeta?

— O anonimato é parte do que tornou o êxito do livro um fenómeno. É a suprema provocação. Aqui está o homem-mistério a servir-nos os nossos sonhos de bandeja e não sabemos quem ele é, onde vive, se é bonito ou feio.

— E será importante saber quem é? — voltou Nicole. — O homem conseguiu prender-me logo na primeira página. Que grande frase de abertura: «Todos os homens procuram o amor, se

conseguirem ultrapassar o medo de se sentirem expostos.» Gostamos dele porque é honesto. Pelo menos, é esse o meu caso. — Levantando-se a custo, acrescentou uma acha ao fogo da lareira. — Gosto dele porque está disposto a expor-se e a viver a sua vulnerabilidade, talvez até a magoar-se no fim. Deixa-me dizer-te, contudo, que *eu* nunca magoaria um homem como ele. Tenciono comprar tudo o que Chris Mauldin escrever. E digo-o quando ainda vou apenas a meio de *Sal*.

Charlotte não chegara tão longe.

— Ele já está a trabalhar num segundo livro?

— Espero que sim, mas também é vago a esse respeito. Uma coisa é certa: já arrasou a concorrência. Adoraria fazer o mesmo com o meu livro. — Pôs-se de pé num salto. — Não saias daí. Vou buscar a sobremesa. — E foi.

— Mas onde é que vou *pôr* a sobremesa? — protestou Charlotte. Nicole não terminara as suas cabeças-de-violino, nem as amêijoas, mas já subia e descia escadas, consumindo o pouco que comera.

— Arranjarás espaço — veio a voz da cozinha, assim como o som da porta do frigorífico a abrir-se e a fechar-se. — Não posso ter uma convidada aqui hospedada sem acrescentar um pouco de mim à refeição. — Regressou com dois copos de balão, cheios de pequenos morangos silvestres. — São os primeiros da época. Colhi-os esta manhã.

— Na berma da estrada? — perguntou Charlotte, espicaçada por dezenas de memórias. Nicole sempre tivera olho para os melhores arbustos, como se os seus olhos conseguissem ver essa subtil cintilação vermelha por detrás das folhas a quinze metros de distância. Era conhecida por gritar «Para o carro!», em momentos inusitados, para encher a mala ou as próprias mãos.

— Não. Uma das famílias que vivem no pescoço da ilha tem prados a perder de vista, carregados de fruta. Criaram um pequeno negócio de apanha-tu-mesmo, com os morangos agora e os mirtilos em breve. Cultivam plantas silvestres e não usam herbicidas. Vou lá sempre que posso.

— São *tão* pequenos — deslumbrou-se Charlotte, embora soubesse que estariam carregados de sabor. — Deves levar uma eternidade a apanhar meio quilo.

— É o processo que conta — replicou Nicole, com um sorriso, parecendo relaxar só de pensar nisso.

O mesmo sentiu Charlotte. Sim, arranjaria espaço para a sobremesa. Metendo um morango na boca, saboreou-o, antes de retomar a discussão interrompida.

— Talvez consigas.

— Talvez consiga o quê?

— Arrasar a concorrência. Li o teu blogue, Nicki. Tens centenas de comentários em cada *post*. Quantos amigos tens no Facebook?

— Setenta mil. — Dissera-o com um orgulho contido, enquanto recolhia as tigelas do *chowder* e tornava a sair da sala. — *Cappuccino?*

— Não, obrigada. És extraordinária, Nicki.

— É a máquina que o faz, não sou eu.

— Referia-me ao teu blogue.

Charlotte enveredara por um caminho mais tradicional, estudando Jornalismo em Yale, seguido de um ano de pós-graduação na Universidade de Columbia. Fora uma aposta muito segura, razão por que, na ânsia de sair da concha, assinara contrato como correspondente via Internet no Afeganistão, onde o perigo era uma constante. O contrato era por seis meses. De volta aos Estados Unidos, entregara-se de corpo e alma a trabalhos de caridade, enquanto os pesadelos recuavam. A escrita era a sua terapia. Entre as reportagens nos Apalaches — ou junto de comunidades que se esforçavam por reconstruir tudo após um furacão ou um incêndio — e as histórias no Afeganistão, chamou a atenção dos editores de revistas, que acabaram por alinhar nas reportagens que ela escolhia.

Era uma trajetória de carreira que fora seguida por muitos jornalistas antes dela. Contudo, Nicole — a silenciosa, introvertida Nicole — desbravava novos territórios.

— Como conseguiste? Como te tornaste tão grande? — gritou.

Fez-se silêncio na cozinha e, depois, veio a resposta, seca:

— Os caminhos do Senhor são misteriosos.

— Quero saber como foi que *aconteceu* — insistiu Charlotte.

— Nicole, não queres vir sentar-te aqui?

Ela tornou a aparecer, com uma pequena leiteira de cerâmica, da qual verteu sobre cada copo de fruta algo que parecia ser bem mais espesso do que natas.

— *Zabaione*, feito com o *Riesling* preferido do meu pai — anunciou, com orgulho. — Já me tinha esquecido da quantidade de vinho que ele armazenou aqui.

— Oh, que delícia. — Charlotte esqueceu os morangos e provou o molho. — *Humm*. — É claro que uma porção de fruta *com* o molho seria ainda melhor.

Estava prestes a atacar a sua sobremesa quando Nicole lhe gritou um agudo «Espera!». De novo em pé, agarrou na sua máquina fotográfica, dispôs os copos de balão como devia ser e tirou várias fotografias, antes de voltar a pousar a máquina. Estavam no sofá e o fogo já crepitava em torno de uma nova acha. Nicole não comeu, limitou-se a beberricar o seu *cappuccino* com os olhos postos na lareira.

Charlotte pressentiu uma melancolia.

— Estás a pensar em Bob?

Provar aquele molho feito com o vinho favorito do seu pai seria suficiente.

— E em Jules. — Nicole ficou, de súbito, com os olhos húmidos de lágrimas. — Ele ofereceu-me a máquina de *cappuccinos* há uns verões. Temos uma igual na nossa casa. Costumava fazer-me um todas as manhãs e trazia-mo à cama. — Lançando a Charlotte um olhar constrangido, apressou-se a acrescentar: — Agora, anda demasiado ocupado.

Charlotte sentiu uma ponta de inveja. Não por causa de Julian. Era a ideia de amar e de ser amada de volta.

— Sentes a sua falta.

— Sim. — Recompôs-se. — Daí o blogue.

— Continua — insistiu Charlotte, com delicadeza.

Sentando-se mais direita, Nicole humedeceu os lábios.

— Bem, sabes que gosto de cozinhar. E de receber.

— *Martha Stewart Living*.

Martha Stewart sempre estivera presente naquela casa. Nesse momento, devia haver uma dezena de revistas empilhadas na mesa

de centro. É certo que uma segunda pilha continha números da *New England Home*, *Summer Cottage* e *Cooking Light*, mas a pilha da revista *Living* era a mais alta.

— É a minha bíblia — reconheceu Nicole. — Ainda me inspira, mas, como nunca tenho exatamente os mesmos ingredientes com que ela cozinha, por exemplo, um pato assado no forno, ou uma *bouillabaisse*, ou os mesmos materiais para fazer um arranjo de mesa, os meus ficam um pouco diferentes. Houve uma altura em que o Julian e eu recebíamos muitas pessoas para jantar: médicos, administradores de hospitais, amigos que traziam outros amigos. No fim, as pessoas pediam-me receitas, sugestões de menus, dicas para compor flores silvestres numa jarra, ou ideias de sítios onde comprar carne de vaca alimentada a erva. Ao fim de algum tempo, pensei que seria simpático ter um lugar onde reunir essa informação para que todos pudessem aceder-lhe. De repente, pessoas que eu não conhecia estavam a enviar-me *e-mails*. Interessadas na comida orgânica, nos produtos locais e nas hortas caseiras.

— É um tema na ordem do dia.

— Eu não estava a pensar nisso quando comecei a escrever no meu blogue, mas, na altura em que o *site* ficou pronto, vi que a maior parte dos meus *posts* tinha que ver com a escolha de comer produtos orgânicos, de comprar produtos orgânicos, de apoiar as quintas e os mercados locais e de identificar os restaurantes que faziam o mesmo, porque era isso que as pessoas queriam. Comecei a acompanhar o Julian nas suas viagens de trabalho, pelo que não me fiquei por Filadélfia, e introduzi Seattle, Denver, Chicago. E Quinneapolis. As pessoas aqui não lhe dão um nome, mas já viviam a experiência da horta-para-a-mesa antes de isto se tornar um movimento. Não chamavam aos seus produtos orgânicos, mas explicavam que não usavam pesticidas artificiais ou fertilizantes, e conheciam o resultado desse esforço: tudo é delicioso e seguro. A política da comida orgânica estava arreigada dentro de mim. Fazer o meu *major* em Estudos Ambientais, em Middlebury, era o passo lógico seguinte, mas juro que só juntei dois mais dois quando comecei a escrever no blogue acerca de Quinneapolis. É incrível, Charlotte. São esses os *posts* com mais comentários.

As pessoas adoram ler a respeito das quintas locais, dos produtos feitos à mão e das galinhas postas em liberdade, e isso tem tudo que ver com o movimento da horta-para-a-mesa.

— Daí Nickitotable.com. — Charlotte ainda estava admirada.

— Quantas pessoas te leem agora? Digamos, num só *post*?

— Com o tempo, cheguei aos trinta mil.

— E no Twitter?

— O mesmo número.

Charlotte recostou-se para trás.

— É *extraordinário*, Nicki. Do nada, isto tudo, em quanto tempo?

— Seis anos. Sobretudo os últimos quatro. — Levantando-se, foi de novo até à cozinha. — Tenho *cookies*.

— Estou *cheia*! — gritou Charlotte, mas as palavras de protesto mal se tinham ouvido quando Nicole regressou com uma travessa de *cookies* de chocolate e amêndoa.

— São do café. — Tornando a instalar-se no sofá, recuperou o seu *cappuccino*.

Charlotte pegou num *cookie* mas não o comeu.

— O teu pai sabia do livro?

— Sabia que eu estava em contacto com uma editora. Ele teria adorado tudo isto. — Franzindo o sobrolho para o seu copo, disse, em voz baixa: — Penso nos teus pais, que não te apoiaram. Depois, penso no meu pai e em mim. Ser tão próxima de um pai... Tive muita sorte.

— Ainda tens. Tens o Julian e os miúdos dele. Tens a Angie. Eles são as tuas âncoras. Invejo-te por isso.

— Não invejas nada — escarneceu Nicole, com um pequeno sorriso. — Adoras a liberdade. Adoras a *aventura*. Eu sou a que precisa de apoio. — Levantou-se, detendo-se antes de tocar no copo de fruta. — Estás satisfeita, certo?

— Por agora. — Porém, antes de conseguir dizer a Nicole que se sentasse e descontraísse, já ela estava a recolher os pratos e os talheres. — Terminaste a reportagem da Austrália?

— Sim. — Recolhendo os copos de vinho e os guardanapos, Charlotte seguiu-a até à cozinha. — A sério. Tens uma vida incrível.

A liberdade também tem as suas desvantagens. Há momentos em que daria tudo por ter um verdadeiro lar. Tu... tens estabilidade. Nem acredito que tu e o Julian já estejam nas vésperas de fazer dez anos de casados. Vão celebrar com uma festa grande?

— Talvez. O que fizeste a respeito de França?

— Adiei. Vou no outono. Mas tens de fazer alguma coisa pelo vosso décimo aniversário.

— Fomos a Paris há dois anos — comentou Nicole, enquanto punha a louça dentro da máquina. — O Julian foi lá fazer uma conferência.

Julian Carlisle estava na vanguarda da investigação no campo da cirurgia cardíaca pré-natal. Era um cirurgião brilhante e era já uma estrela em ascensão na altura em que se casara com Nicole. Charlotte imaginava que Paris não fora o único ponto alto da sua carreira.

— Com que frequência é que vocês viajam?

— Com um intervalo de alguns meses. — Os olhos verdes de Nicole iluminaram-se. — Queres ir dar um passeio?

— Onde?

— Onde quiseres.

Tendo passado o dia inteiro dentro do carro e, agora, comido de mais, Charlotte gostou da ideia.

— A praia — limitou-se a dizer.

Agasalhando-se, as duas mulheres esgueiraram-se pelas portas de correr, atravessaram o pátio de pedra e desceram dois lanços largos de degraus de granito. Característica do Atlântico Norte, a praia era pedregosa. A erva que brotava no meio das rochas era o seu único toque de suavidade. Até mesmo a areia à beira-mar era grossa e misturada com pedras. Mas esta rugosidade não lhe roubava o charme. Ali estava a natureza em todo o seu intacto esplendor. A maré vazara, deixando para trás molhos de limos. Atraídas pelo cheiro a peixe, gaivotas gritavam, mergulhando a pique para arrancar do novelo de algas fragmentos de vida marinha.

Como ainda havia luz, caminharam até à cauda da ilha. A areia e os salpicos eram mais ásperos naquela ponta, mas revigorantes.

A brisa, constante, fustigava o cabelo, o lenço, a erva. Quando Nicole enfiou o seu braço no de Charlotte, caminharam as duas como quando eram crianças — e, durante algum tempo, Charlotte sentiu-se de novo completa, no seu momento de fuga pessoal.

Depois, passaram pelo lugar onde ela estivera com Julian e a fuga ensombrou-se. Nunca memorizara os pormenores daquele encontro. Houvera demasiado vinho à mistura, demasiado cansaço, demasiado nevoeiro naquela noite. E também uma bagagem subconsciente, pelo menos no seu caso, ainda que só o admitisse ao fim de semana. Na altura, a única coisa que vira fora o seu erro colossal. Julian obrigara-a a prometer silêncio na manhã seguinte, e ela apressara-se a concordar.

A vida dele não mudara. Casara-se com Nicole um mês depois e seguira com a sua carreira. No entender de Charlotte, Julian convencera-se de que nada acontecera.

Ela tentara fazer o mesmo. Não houvera amor, ou premeditação. Fora um erro grosseiro, um lapso de carácter e, embora pudesse culpar os seus pais pelo exemplo que lhe tinham dado, não havia mais ninguém a culpar senão ela própria. Julian provocara-a, mas ela respondera à provocação.

Sentindo agora o peso de uma década de culpa, Charlotte libertou o braço com a desculpa de subir um monte de rochas.

— Então, como vai o doutor?

— Bem — cantarolou Nicole. — Muito ocupado.

— Ainda a trabalhar muitas horas?

— Hã-hã.

— Isso incomoda-te?

— Ele adora o seu trabalho. E tu, Charlotte? Estás com alguém?

— Com ninguém em particular. Mas não respondeste à minha pergunta. As horas dele incomodam-te?

— Como poderiam incomodar-me? — replicou Nicole. — O Julian está no auge da sua carreira. Dá conferências, é convidado para participar em painéis e, agora, até vai à televisão, o que não é difícil de perceber, uma vez que é atraente e bem-falante. Telefonam-lhe quando estão a fazer reportagens acerca de qualquer tema relacionado com a cirurgia fetal. Ele é o perito deles.

— Então, é muito requisitado — disse Charlotte, e não conseguiu resistir a acrescentar: — Fico satisfeita. Estava com receio de que ele pudesse ter ficado por cá mais tempo se eu não tivesse vindo.

Quanto a formas de tirar algo a limpo, esta era subtil. A ausência de Julian podia ser completamente inocente; qualquer homem teria medo de passar uma temporada sozinho com duas mulheres que estavam a escrever um livro de cozinha. Se Nicole sabia do sexo, não o deixara transparecer em nenhuma das conversas anteriores.

Na verdade, até parecia alarmada.

— Oh, não! Ele teria adorado ver-te, mas quer estar em Duke uma semana antes de os novos médicos chegarem e tem de deixar tudo resolvido em Filadélfia antes de partir.

— Surpreende-me que ele possa abandonar o seu trabalho durante um mês.

Nicole acenou com a mão.

— É para ensinar, o que, muito honestamente, na minha opinião, é a sua *verdadeira* força. Espera um minuto. — Parecia ter sentido uma vibração. Tirando o telemóvel do bolso, olhou para o ecrã e atendeu a chamada com um sorriso. — Ei. Veio, chegou bem. O quê? — Cobriu o ouvido livre. — Desculpa, ouve-se muito o mar. Ah, uau, isso é excelente. Pequim? *Devias*. Olha, querido, estamos a dar um passeio na praia. Posso ligar-te quando voltarmos? — Ouviu-o falar durante um minuto, inclinando a cabeça no final. — Oh... — Acelerando o passo, disse algo que pareceu a Charlotte ser *merda*, embora Nicole não costumasse usar a palavra. — Está bem. Eu ligo-te. Amo-te.

Ao terminar a chamada, Nicole tornou a meter o telemóvel no bolso e, sem levantar a cabeça, continuou a andar num passo estugado.

As suas pernas eram mais compridas, mas Charlotte teve de acelerar o passo para a alcançar.

— Está tudo bem?

Nicole levantou a cabeça, com os olhos momentaneamente vazios antes de voltar a concentrar-se.

— Foi convidado para ir à China. Pode haver um conflito. Vai correr tudo bem. — Não parecia certa, mas, sem dar espaço a Charlotte para mais perguntas, olhou de relance para o céu. — Está a escurecer.

— Nuvens de chuva?

— Ou o crepúsculo. — Animou-se. — Lembras-te de quando vínhamos até aqui ao pôr do Sol?

— Lembro-me. — Charlotte sorriu. — Estávamos a tentar a nossa sorte, a ir cada vez mais longe, cada vez mais perto da terra dos Cole. — Semicerrou os olhos, tentando penetrar no nevoeiro e avistar o poste de sinalização. — Cecily Cole está no topo da minha lista. Mal posso esperar para falar com ela.

As ervas de Cecily cresciam no jardim da sua casa na ponta externa de Quinnipeague, mas chamar-lhe uma ervanária era subestimar o lugar que ocupava no folclore da ilha. As suas ervas possuíam um sabor puro e efeitos poderosos, e ela sabia como as usar, tanto gastronómica como medicinalmente. Tinha o condão de aparecer com remédios quando estes eram mais necessários; e nisso consistia o lado mais solar de Cecily Cole. Mas também havia o lado negro, ou assim diziam os homens da ilha. Eles juravam que, quando sofriam de azia, era uma das ervas de Cecily a castigá-los por alegadas ofensas às respetivas mulheres. Baixinha, com um cabelo prateado que lhe protegia a nuca como um xaile de gaze, Cecily era tão amada como temida.

— Oh, meu Deus. — Nicole fitou-a, boquiaberta. — Tu não sabes. Cecily morreu, há cinco anos.

Charlotte parou de andar.

— Morreu? Mas ela é a chave da culinária da ilha. Como é que podemos fazer este livro sem ela?

— As suas ervas ainda estão aí. Não achaste que o *chowder* e as amêijoas estavam tão bons como sempre?

— Sim, mas não podes falar da gastronomia da ilha sem falar de Cecily.

— Ainda podemos falar dela. Só não podemos falar *com* ela. Não que alguma vez tenhamos podido, na verdade.

Charlotte permaneceu atónita. Mítica como era, Cecily sempre fora uma espécie de mistério. Viera para a ilha com vinte anos — ou dezoito, ou vinte e dois, dependendo da versão da história que se ouvia —, depois de um caso de amor desastroso com um homem influente do continente. Também dependendo de quem

contava a história, Cecily escolhera deixar o continente, ou fora expulsa, embora fosse consensual que comprara a sua casa com o dinheiro de compensação pela separação. Com ela, trouxera as suas plantas, assim como as lendárias sementes, e vivia em sossego na sua ponta da ilha. As suas interações com os ilhéus limitavam-se a viagens ao mercado para arranjar provisões e, cada vez mais, à oferta de ervas aos que delas precisavam. De um modo geral desconfiada, não apreciava receber visitas em casa. Corria até o rumor de que Cecily rogaria uma praga a quem quer que entrasse nas suas terras.

Mas tal não passava de um rumor e, no interesse do livro de cozinha, Charlotte tinha a desculpa perfeita para se aproximar.

— Acho que devíamos voltar — disse Nicole.

Charlotte já fizera reportagens com algumas figuras muito intimidantes, e uma das piores fora um ameríndio em Martha's Vineyard que alegava ser um descendente dos curandeiros Wampanoag e tinha um lastro de feitos milagrosos a prová-lo.

Cecily Cole? Podia ter sido um desafio épico, com um potencial de informação igualmente grande.

Mas as coisas eram como eram.

— Está morta — disse Charlotte. — Não pode fazer nada. Penso que devíamos ir ver se aquelas ervas ainda continuam a crescer.

— Eu não o faria — avisou Nicole. — É o filho quem vive na casa dela agora.

— Pensei que estava preso.

— Já não está. Anda. Fazemos uma corrida de volta. — Virou-se, pondo-se de frente para a casa.

— Ele desenterrou as ervas, ou ainda lá estão?

— Não sei.

— Mas alguém deve saber.

— Eu não tenciono perguntar — retorquiu Nicole. — A última coisa de que preciso neste momento é de mais energias negativas.

Charlotte observou-a com atenção. O céu estava, de facto, a escurecer, apagando contrastes, mas a tensão era visível. Parecia deslocada num rosto tão inocente.

O mesmo acontecia com a forma trôpega como Nicole abanara a mão.

— Sabes o que quero dizer. O súbito desaparecimento do meu pai. A venda da casa.

— Ele teria adorado que escrevesse este livro.

— Dava-me jeito agora a sua motivação.

Charlotte rodeou-lhe a cintura com o braço.

— Tens-me a mim. Não vou sair daqui até o livro estar terminado.

Nicole sorriu. Talvez houvesse lágrimas nos seus olhos, mas podia ser o reflexo do oceano naquela luz ténue.

— Adoro-te, sabes?

Charlotte abraçou-a. Momentos depois, eufórica por ser o objeto de um sentimento tão rico, desafiou Nicole com o olhar. Arrancaram no meio da praia numa corrida rápida, mudando de faixa enquanto se desviavam deste ou daquele obstáculo na areia. Quando chegaram a casa, estavam ofegantes e às gargalhadas.

O movimento nos degraus desencadeou torrentes de luz vindas do pátio, que se estenderam até à porta da cozinha. Nicole parou, cheirou o ar.

— Estranho — observou, e começou a caminhar até ao jardim lateral, onde uma profusão de rosas e vermelhos compunha uma mancha indistinta na orla da luz. — Passei por aqui esta manhã. A lavanda parecia ainda muito longe de dar flor. Tem estado demasiado frio. Mas como não senti este perfume?

Charlotte não o sentira mais cedo, mas não lhe escapava agora. Aquela lavanda já desabrochava, os seus caules compridos estavam carregados de flores roxas que pareciam demasiado frágeis para enfrentar aquele vento, mas que, pelos vistos, não o eram, pois guardavam bem a sua forma.

— Devia ter a cabeça noutro lugar — disse Nicole. — Mas isto é *perfeito*. — Dali a instantes, com uma tesoura de podar em punho, começou a oferecer rebentos a Charlotte, que agora absorvia o seu aroma até se sentir entorpecida. Por fim, Nicole levantou-se, fechou os olhos e inspirou. — Ahhh. Incrível. — Pegou em metade do que dera a Charlotte e cantou baixinho: — Essas são para a tua almofada, estas são para a minha.

— Não temos de as secar primeiro?

— E diluir o cheiro? A lavanda tem propriedades calmantes. Vou absorver o máximo da sua força, obrigada.

Charlotte não precisava de se acalmar; ou melhor, não o desejava. Queria refastelar-se na luz da esperança. Fora-lhe dada uma segunda oportunidade para provar que conseguia ser uma amiga leal, e isso era mais do que podia esperar, depois de ter vivido à distância de uma década e de um segredo. Preparara-se para encontrar desconforto, desconfiança, reticência, *alguma coisa*. Mas a sua chegada a Quinipeague fora tão pacífica como ali o mar não era.

Além disso, tendo partido de Nova Iorque de madrugada e conduzido durante horas, estava exausta. Se os rebentos de lavanda haviam produzido mais algum efeito para além de a fazerem sorrir, não fazia ideia. Minutos depois de a sua cabeça se deitar na almofada, caiu num sono tão profundo que nada ouviu da conversa que decorria no quarto de Nicole ao fundo do corredor.